



TCC/UNICAMP
W121i
1290003837/FE

UNIVERSIDADE ESTADUAL L _____
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SONIA ARGENTINO SANTOS WAESSMAN

200907705

**(IN) DISCIPLINA NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE VALORES E
ATITUDES SOCIAIS**

**Campinas
2008**

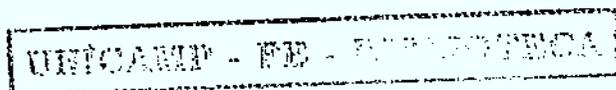
UNICAMP - FEA - FOTOFIT

SONIA ARGENTINO SANTOS WAESSMAN

**(IN) DISCIPLINA NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE VALORES E
ATITUDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia – PEFOPLEX (Programa de Formação de Professores em Exercício), da Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr Sílvio Gamboa.

**CAMPINAS
2008**



| |
|-------------------------|
| UNIDADE: FE |
| Nº CHAMADA: TCC/UNICAMP |
| W121i |
| V:.....EX:..... |
| TOMBO: 3837 |
| PROC.: 148/09 |
| C:.....D: X |
| PREÇO: 1,00 |
| DATA: 02, 04, 09 |
| Nº CPD:..... |

cod tit 437210

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

| | |
|-------|--|
| W121i | Waessman, Sonia Argentino. (In) disciplina na escola : construção de valores e atitudes sociais / Sonia Waessman. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008. Orientador : Silvio Anscizar Sanchez Gamboa. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. I. Indisciplina escolar. 2. Violência. 3. Educação infantil. 4. Sujeltos. I. Sanchez Gamboa, Silvio Anscizar. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título. |
| | 09-0005-BFE |

Orientador: Prof. Dr. Silvio Gamboa

2º Leitor: Profº Drº Celso Antunes

Dedico este trabalho aos amores de minha vida: meu marido e meus filhos luzes da minha vida e razão pela qual luto tanto, procurando me superar cada vez mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter colocado tantas pessoas queridas em meu caminho, zelando por mim e me amando a cada dia, me ensinando a caminhar e me ajudando a levantar depois dos diversos tombos que levei no percorrer do meu caminho. Agradeço a Ele por não desistir nunca de mim, mesmo tendo cometido tantos erros em minha jornada aqui na terra.

Agradeço a Ele por ter me permitido nascer na família em que nasci (Mãe, Si, Odair, meu pai João "em memória", Tenil) que sempre estiveram presentes na minha vida.

Agradeço Deus por meus filhos queridos, Fer e Isa e ao meu marido, que com tanta paciência e amor tem me suportado e me amado, tesouros de minha vida e razão de meu viver... É por vocês três que eu tenho lutado tanto... Amo vocês...

Agradeço a todos os meus amigos queridos, do passado e do presente, que compartilham comigo as alegrias e tristezas do dia-a-dia, em especial a Roberta e ao Rodinei que sempre me estendem as mãos nos meus infinitos momentos de desespero e a Sandra amiga desde do início da faculdade, que apesar dos desencontros amo tanto...

E para finalizar agradeço a D. Cida (minha sogra), minha mãe e meu marido que ajudaram a criar meus filhos para que eu pudesse cursar a faculdade...e a meu sogro que já desencamou...E que com certeza está sorrindo agora por saber que eu venci...Saudades!

A escola

Escola é...

o lugar onde se faz amigos,

não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente,

O coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente,

cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega,
amigo, irmão.

Nada de "ilha cercada de gente por todos os lados".

Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém,
nada de ser como o tijolo que forma a parede,

Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

é também criar laços de amizade,

é criar ambiente de camaradagem,

é conviver, é se "amarrar nela"!

Ora, é lógico...

numa escola assim vai ser fácil

estudar, trabalhar, crescer,

fazer amigos, educar-se,

ser feliz.

Paulo Freire

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| 1. Apresentação do tema..... | 2 |
| 2. O Interesse pelo tema..... | 4 |
| 3. Problematização..... | 4 |
| Reflexões teóricas sobre (in) disciplina | 6 |
| 1.1 Escola, educação e sociedade..... | 8 |
| A violência na e da escola | 14 |
| 2.1 Violência e indisciplina na/da escola | 15 |
| 2.2 O universo da pesquisa sobre violência escolar..... | 18 |
| O problema da violência escolar começa cedo: estudo do aumento da violência na educação infantil..... | 27 |
| 3.1 Violência escolar e educação infantil: um olhar sobre o aumento da violência via programas de televisão..... | 30 |
| Considerações finais..... | 44 |
| Referências | 46 |

RESUMO

Esta pesquisa buscou conhecer os meandros que regem o aumento da violência nas instituições educacionais deste país, visando discutir suas causas, formação e os sujeitos que a cometem.

Baseada em um estudo bibliográfico das pesquisas realizadas na área, bem como as teorias formuladas por Aquino, La Taille, Sposito e outros, buscamos com este trabalho abarcar todas as dimensões pelas quais perpassam o aumento da violência na e da escola através de três capítulos nos quais na introdução apresento o trabalho e o que me propus e realizei nesta pesquisa e a seguir, apresento a metodologia utilizada na mesma. O primeiro capítulo contempla a historicidade deste aumento da violência nas escolas e como estas não são neutras, no segundo capítulo explanamos a respeito do que seja a violência na e da escola para no terceiro capítulo apresentar o trabalho realizado em meu estágio na disciplina Educação Infantil, ressaltando a vinculação do aumento da violência na educação infantil a exposição das crianças a mídia.

Palavras-Chaves: indisciplina escolar, violência, educação infantil, sujeitos

INTRODUÇÃO

Formei-me no curso de Magistério em 1995 e já em meados de 1996 comecei a atuar como docente em uma escola de educação infantil da rede particular do município de Campinas, desde minha primeira experiência como educadora sempre observei as relações entre educadores e educandos como fundamental no processo de aprendizagem satisfatório e produtivo. Dessas observações, surgiram indagações a respeito da dificuldade encontrada por muitos educadores em lidar com a indisciplina escolar, nesse campo o que se configurou como um problema de pesquisa, para mim, foi à temática da violência na escola. Foram tantas as indagações que decidi meu projeto de pesquisa: In-disciplina na Escola: Construção de Valores e Atitudes Sociais, o qual tem como objetivo maior analisar e discutir o que pensam o que falam e esperam os sujeitos sociais inseridos no contexto escolar, bem como o que dizem os estudiosos e pesquisadores que estudam o tema indisciplina.

Com isso, propus um projeto que buscava analisar o que cada sujeito tem a dizer sobre a violência na escola ainda que estes estejam em campos distintos e interconectados da atividade: profissionais da escola; textos, artigos e reportagens em revistas, jornais e livros de diferentes autores preocupados com o tema e com os rumos que a educação brasileira tomou ao longo dos anos e é claro os próprios educandos.

Considerando que esses sujeitos ocupam lugares e posições sociais distintas, com marcas e representações próprias, devido aos diferentes modos de ver, conceber, experienciar e falar sobre a indisciplina na escola. A pesquisa contou com três momentos distintos: Pesquisa bibliográfica, com textos acadêmicos, de vários meios:

revistas universitárias da área de Educação, sites educacionais, jornais e revistas de circulação pública, levantamento e análise das reportagens, que constituíram a temática da indisciplina na escola, e uma pesquisa com pais dos alunos de uma escola de educação infantil, observados durante a pesquisa.

Das análises feitas durante a pesquisa, pude perceber que na esfera acadêmica os pesquisadores buscam compreender e explicar as possíveis origens do fenômeno indisciplina e apontam algumas possíveis soluções; enquanto que as reportagens encontradas em revistas e jornais educativos ou de circulação nacional divulgam experiências e projetos desenvolvidos, revelando os processos e alternativas experienciadas em algumas escolas que vivenciaram o problema de indisciplina, e as soluções indicativas para melhorá-lo. Como a pesquisa foi realizada a partir de observações realizadas na educação infantil, os pais representaram os alunos, seus filhos, registrando suas opiniões de forma escrita e falada, a respeito das condições concretas de vida, da realidade vivida no cotidiano, de seus modos de conviver numa sociedade marcada pelas diferenças, por injustiças, disputas, conflitos e violência.

Palavras chaves: Indisciplina Escolar, Educação Infantil, Sujeitos.

1. Apresentação do tema

No final da década de 90, os temas indisciplina escolar e a violência tornaram - se dos mais discutidos e preocupantes, na medida em que, passaram a ocupar lugar de destaque nos debates da imprensa pública, dos estudos acadêmicos em seminários e congressos, bem como nos grupos sociais em geral e nas famílias brasileiras.

As conversas cotidianas nas casas, na rua, na escola, nas rádios, nos jornais, nos canais de televisão, ou seja, passou a fazer parte das interações sociais. Hoje, o

espaço conquistado pela mídia em torno do tema fez com que as notícias virassem mercadorias e o próprio conceito de violência fosse confundido com questões sociais, vistas como ruins ou condenáveis, a saber: a desigualdade social, a miséria, as vulnerabilidades, dentre outras. O discurso da mídia fica evidentemente ideológico quando o adjetivo *violento* é utilizado para caracterizar o 'outro', o que não faz parte da cidade, da classe social, da família, etc.

Segundo Zaluar (1998), a violência doméstica e a violência institucional tiveram um aumento nos registros oficiais das últimas décadas, sem que houvesse um maior conhecimento a respeito dos mecanismos e dos círculos viciosos.

A violência está por toda parte, ela não tem nem sujeitos reconhecíveis, nem 'origens' facilmente delimitáveis e inteligíveis, perpassa as diferentes relações sociais e aparece de forma explícita nos meios de comunicação de massa, principalmente na mídia televisiva. Assim, questões relativas à segurança têm se deslocado para áreas centrais das discussões públicas no Brasil. O crescimento das taxas de crime, bem como o aumento da percepção subjetiva do fenômeno, influi diretamente nas condutas dos diversos sujeitos. Neste contexto, escolas, bem como os demais sujeitos envolvidos na esfera educacional/pedagógica, voltam-se de um modo ou de outro para as mais diversas formas de negociação com a violência, seja na própria instituição escolar, seja na comunidade onde estas escolas se inserem. A violência na escola, amplamente divulgada e explorada pelos meios de comunicação, tem se constituído em um problema social. Assim, tivemos como objetivos analisar o que sujeitos em campos distintos da atividade tinham a dizer sobre a violência na escola.

2. O Interesse pelo tema

De alguma forma, todo tema de pesquisa tem que fazer parte da nossa trajetória de vida, de desejos, de anseios, de vontades, de sonhos. Não sei muito bem ao certo, quando a temática da violência tornou-se para mim um problema de pesquisa a ser investigado, possivelmente quando, após cursar o magistério, e começar o curso de Pedagogia e trabalhar como professora de educação infantil.

No segundo semestre de 2002, cursando a disciplina de Estágio Supervisionado I, foi proposto fazermos seis dias de estágio de observação, para que pudéssemos fazer algumas discussões em sala de aula. Apesar de reagir à proposta, uma vez que havia feito estágio no magistério, fui fazer essa observação. Afinal, anos que não entrava e não participava da dinâmica de uma sala de aula como observadora apenas, é diferente atuar como docente e apenas observar as relações que acontecem numa sala de aula.

Nestes seis dias de estágio o que mais me incomodou foram as brincadeiras entre as crianças, os modos de um tratar o outro, a agressividade. Não sei se cheguei a discutir estas questões em sala de aula, mas foram pontos que se intensificaram durante o ano seguinte, na minha observação com docente nas escolas por onde passei.

3. Problematização

A ocorrência de violência escolar não se constitui como um fenômeno recente, mas nos dias atuais se tornou um problema social, além de um importante objeto de reflexão. As concepções atuais sobre a violência nas escolas, deixam de relacioná-la com a criminalidade e a ação policial, passando a ser foco de inquietações relacionadas

à miséria e ao desamparo político, pois conduz a novas formas de organização social imbricadas com a exclusão social e institucional.

A violência é matéria apresentada cotidianamente na mídia escrita e 'falada', fazendo com que se torne um problema que afeta todas as relações e instituições sociais. Michel Foucault (1986), particularmente em seu livro '*Vigiar e Punir*', contribui enormemente para as teorizações sobre a violência e as relações de poder quando analisa as instituições penais a partir dos séculos XVII e XVIII, referindo-se ao esquadramento disciplinar da sociedade, buscando elucidar a política de coerção, de dominação, por meio de vigilância e punição sobre o intelecto, sobre a vontade, sobre as disposições e sobre as paixões dos indivíduos.

Segundo Guimarães (1996), A violência não está ligada somente a ações físicas, mas a uma constante ameaça, medo e terror, capaz de abalar as bases mais estáticas que se avaliam inabaláveis, portanto a violência é simbólica. Com relação a essas questões destacam-se a força das muitas linguagens que compõe os universos sociais, que

"Não podemos isentar a escola como se a violência estivesse somente do lado de fora. Apontar os pais, a estrutura familiar, econômica como responsáveis pela crueldade entre as crianças (...) à violência que é gerada dentro da própria escola, não apenas porque ela é uma instituição homogeneizadora, controladora,..., mas também porque ela é a expressão de grupos em permanente conflito". (p.81).

Desta forma, organizei esta pesquisa em três capítulos em que contemplo desde a construção histórica e teórica da violência escolar no primeiro capítulo; a legitimação desta pela e na escola, no segundo; registro a pesquisa realizada em uma escola de educação infantil de Campinas, no terceiro e culmino este trabalhando apresentando o que aprendi com o mesmo nas considerações finais.

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE (IN) DISCIPLINA

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda. (Paulo Freire, educador brasileiro).

A (in) disciplina pode ser conceituada de diversas maneiras, se procurarmos escritos sobre este tema veremos que até na língua portuguesa encontramos diferentes conceitos que explicam ou justificam a (in) disciplina, dentre todas encontramos definições tais como: “todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à desobediência, à rebelião” constituir-se-ia em indisciplina, por outro lado encontramos o seguinte conceito para a disciplina: “regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.)”, implicaria na observância a preceitos ou normas estabelecidas.

E são muitos os autores que discutem, refletem e analisam os conceitos ambíguos de (in) disciplina e a ação da mesma para a educação e para a sociedade. Atualmente a sociedade vem sofrendo os reflexos da (in) disciplina inculcada nos indivíduos e que explode em cenas de violência todos os dias, e discutimos o porquê daquele indivíduo ter cometido tamanha violência, apontando diversos culpados e muitas razões para justificá-la. Quando um indivíduo comete um ato de violência muitos são os culpados, num cenário confuso, escola, pais e a sociedade adquirem as culpas de atos individuais de um ser humano, mas ao final os conflitos não se resolvem e as perguntas e acusações se calam, antes mesmo de se ter chegado ao veredicto. *Quem é o culpado ou quem são os culpados por tanta (in) disciplina e violência em nossa sociedade?*

O termo educação abrange um universo que extrapola os muros da escola, instituição com papel central na formação dos indivíduos que por ela passam, principalmente no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados pela sociedade.

É pensando em minha prática docente, em meus alunos e em meu papel social, que propus a discutir através deste trabalho os caminhos percorridos pelos indivíduos e pela sociedade no decorrer do processo-histórico, que levaram a culminar na (in) disciplina e na violência vivida hoje em diferentes áreas da sociedade, seja na escola, na rua ou no interior dos lares brasileiros. Apontei as diferentes opiniões de alguns dos diversos autores que versam sobre a (in) disciplina e a violência, e as conseqüências das mesmas para a sociedade, bem como as possíveis soluções que estes autores apontam para amenizarmos a (in) disciplina escolar e social, a fim de melhorar as relações entre os indivíduos e atingir melhorias no nosso cotidiano

No presente trabalho acerca das discussões sobre a (in) disciplina enquanto construção de valores e atitudes sociais pretendemos utilizar um referencial teórico para fomentar as discussões, embasado nas idéias de diversos autores como Julio e Aquino Groppa e Araújo, que dentre tantos outros autores, discutem em seus vários trabalhos a importância da disciplina no processo de ensino-aprendizagem, bem como fator importante na formação, construção e constituição dos valores sociais para os sujeitos.

Desmistificando os estigmas sobre o comportamento do aluno disciplinado ou indisciplinado na Educação Infantil, considerando as variáveis que geram o comportamento “inadequado” segundo os valores morais construídos socialmente e verificando os efeitos do comportamento (in) disciplinado do aluno no convívio social.

1.1 Escola, educação e sociedade

Pensar as nossas ações enquanto educadores, enquanto pais e cidadãos, observando o contexto social em que vivemos, podem nos causar até uma sensação de infelicidade na medida em que está reflexão nos leva a perceber que estamos diante de uma educação conflitante com nossos filhos, ou de uma escola cheia de problemas e principalmente que vivemos em uma sociedade cheia de diferenças e problemas sociais.

Na escola nos deparamos com os efeitos catastróficos que educadores mal formados, baixos salários para educadores e funcionários, fragmentação dos currículos escolares, aulas desinteressantes, alunos desmotivados e com problemas de comportamento, espaços escolares mal elaborados, falta de equipamentos e materiais, dentre muitos outros fatores impossibilitam uma educação pública eficiente e de qualidade para todos.

Os alunos acolhidos nas escolas vivenciam todos estes problemas direta ou indiretamente e refletem os mesmos em seus comportamentos e atitudes, inclusive através da (in) disciplina, mas ao invés de serem compreendidos, são esquecidos, humilhados, maltratados, reprovados e até expulsos da escola, daquela escola que deveria educar e formar para a vida. Além das dificuldades enfrentadas pelos alunos nas escolas, muitos enfrentam uma situação ainda pior em casa, muitas são as famílias, sejam elas ricas ou pobres que vivem desestruturadas, pela falta de amor, de carinho e união entre os entes, ou pela miséria econômica que assola grande parte da sociedade e leva muitos dos indivíduos a marginalidade, ao alcoolismo e as drogas, resultado da rachadura social ocorrida em nossa sociedade, que exclui os menos

favorecidos de capital econômico e cultural, exalta a competição, gerando a divisão de classes e enfatiza as desigualdades.

Frente a tantos problemas, cabe um estudo baseado na neutralidade e sistematizado por referências teóricas, que permitam discutir as questões sociais referentes à família, à instituição escolar, à política, ou a qualquer outro âmbito social, fora do âmbito de julgamento e de encontrar culpados, pois nem o aluno, nem o educador, nem os pais, nem a escola, podem ser responsabilizados individualmente, mas igualmente responsabilizados uma vez que as razões que levam a (in) disciplina e a violência estão direta ou indiretamente relacionadas as falhas ocorridas na formação do indivíduo em algum âmbito de sua vida escolar, familiar, social: ausência de limites, desigualdades sociais, relação aluno-educador, dentre outras razões que serão apontados no decorrer deste trabalho.

Schilling (2004), ao discorrer sobre a violência na sociedade e, principalmente, na escola, coloca que é preciso entender quão tipo de violência estamos falando, pois socialmente existe uma multidimensionalidade sobre o tema, uma vez que este perpassa por diferentes setores da sociedade, indicando que

Há violências diversas implicando atores (sujeitos) diversos e acontecendo sob formas diferentes (violência física, psicológica, emocional, simbólica). A exigir respostas diferentes. De diferentes dimensões-macro e micro-, que se relacionam entre si de maneiras peculiares. Em todos os casos, há agressores específicos e há vítimas. (p. 35)

Chauí, (apud Schilling, 2004) ao explicitar o fato de que a violência encerra mais de um fator e uma dimensionalidade coloca que

(...) violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico conta alguém que caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror. A violência se opõe a ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de

linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. (p. 38)

Esta definição é ampla e moderna, indo além da violência física e incorporando a violência psíquica contra alguém. Ações que comportam humilhações, vergonha, discriminação, são consideradas hoje condutas violentas. Além da violência interpessoal ou intersubjetiva, incorpora a violência social, supondo toda a dimensão estrutura da violência, própria da sociedade: podemos, portanto, falar da violência da ameaça do desemprego ou do próprio emprego, da violência da fome e da miséria da exclusão, pois sempre existe violência quando tratamos sujeitos livres, racionais e sensíveis como coisas.

De acordo com Schilling (2004), existe na história de nosso país um preconceito de que somos um povo pacífico, contrário a violência, que foi colonizado de forma benigna, que produziu um país sem guerra ou revoluções sangrentas, sem tufões, ciclones, terremoto e *bonito por natureza*. Nossos direitos, mais do que conquistados foram dádivas de governantes benevolentes e a memória de nossas lutas e conflitos são, dessa forma, jogadas nos porões da memória do povo e esquecidos como se não tivessem sido importantes. É por isso, que segundo a autora, nos ainda não alcançamos a democracia em seu sentido pleno, pois esta se caracteriza por sua capacidade de lidar com o dissenso, presente em outras formas de governo.

A violência tem história e evoluiu juntamente com a evolução da população. Um exemplo é a violência contra a mulher e a criança, que em séculos passados era vista como válida e disciplinadora e hoje têm outra conotação na sociedade.

E na escola, como esta se processa?

A escola, de acordo com Schilling (2004) entra neste debate sobre a violência ora como vítima da violência, ora como algoz, quando vista como uma instituição com sua cota própria de violência.

A escola é estudada sob a ótica da exclusão social, pois é um lugar de reprodução das desigualdades sociais, das desigualdades de gênero e raça, da produção da pobreza e da exclusão, tecendo assim sua cota de violência socioeconômica.

Outros estudos também, a apontam como um lugar de colonização, pois esta é uma instituição fundamental na história da ofensiva civilizadora, da modernidade, é também o lugar da superação das desigualdades sociais, da construção da democracia e dos direitos humanos.

No contexto histórico, de acordo com Freitag (2002), a necessidade, objetivos e pressupostos educacionais estão fortemente ligados a ideologia que os períodos históricos repercutem, dessa forma para o primeiro período que a autora dividiu o processo histórico (Colônia, Império e Primeira República), não havia a necessidade de realizar políticas públicas para a educação, pois existia apenas duas classes sociais distintas, os donos dos latifúndios e os escravos. Para os primeiros a educação era ministrada pela igreja e, portanto, particular, e para os segundos não era necessária, a não ser como catequese disciplinadora ofertada pelos jesuítas, uma vez que os escravos dominavam a técnica da agricultura e para este trabalho não há necessidade de mão de obra especializada.

No segundo momento histórico, que vai de 1930 aos anos 60, com o fim das exportações de açúcar e café, dada a crise de 1929, as políticas públicas para o setor

começam a se delinear graças ao fato de que há o início da industrialização no país que requer mão de obra especializada.

Vargas, para isso inicia o processo de legislação para o setor com o PNE (Plano Nacional de Educação) e a criação do Ministério da Educação e da Saúde (MEC). Embora inovadora esta educação ainda é elitista e voltada a manter a hegemonia dos poderosos.

O terceiro e último período que vai de 1930 aos dias atuais foi marcado pelas lutas em prol de uma legislação educacional que torne a educação includente, voltada para a cidadania e para a qualidade do ensino ministrado a população. No entanto, com todas as lutas a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) elaborada ainda coloca a educação como um processo excludente para os menos favorecidos e mantenedora das diferenças de classe através da sua seleção que favorece os mais agraciados em detrimentos dos demais.

Já, para Romanelli (2001) a educação brasileira sempre foi fortemente marcada pela disseminação das separações classiais, ou seja, sempre buscou disseminar a ideologia da classe dominante. Para a autora, durante toda a evolução do sistema educacional brasileiro há uma busca de manter o status quo das classes dominantes através da educação.

Desde os tempos do império que a educação prepara os filhos das classes dominantes para ocuparem situações e cargos de comando e de exaltação de poder, como advogados, juizes, médicos etc.

Com a ascensão independência do país, a instauração da república, a abolição da escravatura e a introdução do capitalismo no Brasil, a burguesia industrial em ascensão busca nos bancos escolares, agora laicos, o acesso ao poder antes

legitimado aos filhos dos latifundiários. Dessa forma passam a buscar na escola, que não acompanhou o processo histórico de abertura de ideais populares, continuando a atender as demandas da sociedade dominante.

Assim, os novos governantes buscam priorizar reformas educacionais, mas não procuram transformá-las em algo que dê suporte as camadas populares, alijando-as aos poderosos, pois todas as reformas acabam priorizando o caráter seletista e classista da educação, como instrumento de perpetuação das classes dominantes..

A VIOLÊNCIA NA E DA ESCOLA

O que seria de uma orquestra, se cada músico tocasse o que quisesse? Se não houvesse disciplina? Ela é necessária. E deve ser analisada como um meio e não um fim. (Vasconcellos, 1994)

Nos relatos das duas autoras, citadas no capítulo anterior, o que fica claro para nós é que a educação escolar sempre foi vista como instituição da reprodução das desigualdades sociais e como tal, acaba legitimando situações de violência, tanto da instituição contra seus membros, como na escola entre os mesmos. A respeito disto discorreremos neste capítulo, apresentando, também, as pesquisas recentes realizadas sobre o aumento da violência nas escolas.

Desde a educação infantil a universidade a relação professor/aluno nunca esteve tão difícil, bem como nunca foi tão discutida. Fala-se de falta de limites dos alunos; despreparo dos professores ante a esta nova geração formada pelo pós-modernismo; pais permissivos que não conseguem impor limites claros aos filhos entre outras definições nascidas do senso comum.

No entanto, o que está em pauta em todos os contextos educacionais é o crescente aumento da indisciplina e violência na escola, que tornaram-se grandes desafios, que cada vez mais têm sido alvo de preocupação da escola, direção, pais e professores.

Assim como outros profissionais que perdem o chão quando se deparam com uma situação insólita em sua profissão, os professores estão sem saber como atacar o problema por dois motivos: não recebem apoio por parte da escola e também por comodismo próprio, que impedem a aquisição de um suporte básico para administrar

os diferentes agentes sociais que estão por trás da violência e da indisciplina na escola.

Neste capítulo buscamos entender os meandros que formam a violência e a indisciplina na escola, procurando colocar as claras como estas se constroem e quais os mecanismos para detê-las.

2.1 Violência e indisciplina na/da escola

Segundo Sposito (2001), não se deve confundir violência com indisciplina, pois a indisciplina pode ser considerada um ato "normal" de transgressão as regras enquanto que a violência é uso da força física e do constrangimento para obrigar uma pessoa a fazer algo que não quer, agindo de modo contrário a sua natureza e ao seu ser. Esta se opõe a ética porque trata as pessoas como se fossem coisas sem valor e vontade própria. Enfim, *a violência gera sofrimentos, danos físicos e psicológicos, humilhação, desespero, desamparo, desesperança e anuncia a barbárie onde todos podem ser vítimas. (...) a violência pode destruir o poder, mas é totalmente incapaz de criá-lo.* (Sposito, 2001).

Estudos a respeito da violência e indisciplina na escola (Guimarães, 1984; Abramovay e outros, 1999; Minayo, 1999; Codo, 1999, Candau, 1990; Paim, 1997; Córdia, 1997; Araújo, 2000, Laterman, 2000 entre outros) começaram a ser realizados apenas a partir da abertura pós-ditadura, pois foi a partir desta data que se começou o processo de democratização no país, sendo este processo parceiro do aumento ou da abertura para se estudar os processos de violência nos grandes centros urbanos da sociedade brasileira. Estes estudos se tornam possíveis porque se começa a pensar os

desvios que existem na sociedade e que antes eram camuflados pela linha dura da ditadura militar.

No início da década de 80 e dos estudos a mídia deu larga importância ao tema, pois as mazelas que apareciam nas periferias da cidade refletiam-se na escola, em que eclodiam depredações dos edifícios e invasões, observadas nos períodos ociosos, em especial nos fins de semana, atribuindo a população externa a escola as causas da violência escolar. Não se estudava neste momento as relações sociais dos alunos.

Durante a década de 80 e início dos anos 90, o tema da segurança passa a predominar no debate público, saindo da esfera escola e passando a esfera da sociedade como um todo. Nesta época, a violência escolar passa a ser observada nas interações dos grupos de alunos, caracterizando um tipo de sociabilidade entre os pares ou de jovens com o mundo adulto, ampliando e tornando mais complexa a própria análise do fenômeno. Passa-se, também, a estudar a violência escolar no âmbito da segurança pública, saindo da esfera pedagógica.

No entanto, independente dos estados em que se efetuou a pesquisa (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso ou Rio Grande do Sul), os alunos entrevistados não consideram violência coisa de escola, muito menos vinda da escola, para eles esta está fora da escola, nas atitudes dos alunos: agressões entre os pares; agressões aos professores; depredações etc. No entanto, o que se evidencia é que os alunos estão respondendo a postura da escola que é autoritária, estimuladora deste clima de agressões.

O que ficou patente nestes estudos, de acordo com Sposito (2001) é que a violência escolar, embora ocorra nas escolas privadas, talvez até com maior impacto, será na periferia dos grandes centros urbanos que se tornam mais visíveis,

evidenciando que as situações de pobreza é fator agravante para o estabelecimento de padrões desviantes da sociedade; atestam também, que a crise econômica e as alterações no mundo do trabalho incidem diretamente sobre as atribuições que articulavam os projetos populares de acesso ao sistema escolar. Eles reiteram também que as violências voltadas contra a escola continuam a existir, ao lado da estabilização de um padrão de sociabilidade violenta entre os alunos de forma tanto física, quanto não física.

No entanto, a autora coloca que

No exame da situação brasileira, alguns cuidados merecem ser considerados, pois o seu uso indiscriminado pode acentuar apenas um dos pólos da questão – os alunos – e descaracterizar uma série de problemas contidos na relação entre o mundo adulto e o juvenil, sendo o primeiro muitas vezes incapaz de estabelecer práticas capazes de gerir o inevitável conflito entre os grupos etários, sobretudo nos momentos de crise de eficácia das instituições socializadoras. Por essas razões, a pesquisa não está isenta da necessidade de investigar os processos amplos que configuram a expansão da escolaridade nos últimos anos, aliada à corrosão das possibilidades mais efetivas de mobilidade social e à crise da sociedade assalariada. Assim, a própria escola, enquanto campo de conflitividade que configura a interação entre jovens e instituições do mundo adulto, deve ser investigada e submetida à crítica. (Sposito, 2001)

Torna-se assim importante discutir a questão da violência na e da escola. Violência da escola no sentido que a instituição escolar com sua ideologia acaba por reproduzir em seu interior as mesmas práticas excludentes e não inclusivas presentes na sociedade, ocasionando a violência na escola, como forma de luta contra a hegemonia presente na sociedade, buscando ocupar um espaço dentro da mesma e auto firmar-se ainda que por meios escusos, ou traz para o interior da mesma as mazelas sociais e econômicas que precisam ter um lugar para eclodir e infelizmente a escola acaba sendo este local.

Curioso é que, a violência praticada pela professora de antigamente vem sendo substituída por uma nova forma de violência dos alunos contra os professores, seus bens, e o patrimônio da escola. Hoje, professores de todo o país sofrem desrespeito, ameaças, e agressões físicas dos alunos e pais deles. Escolas são depredadas, pichadas, roubadas, aparentemente como simples vandalismo. Principalmente falta envolvimento da comunidade local para evitar que a escola seja violentada por seus próprios alunos ou estranhos, e os professores continuem sendo desrespeitados e ameaçados. (Sposito, 2001)

2.2 O universo da pesquisa sobre violência escolar

"Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam em comunhão, mediados pela realidade. (Freyre, apud Vasconcellos 1981, p. 79)

Em todo o mundo ocidental moderno, a ocorrência de violências nas escolas não é um fenômeno recente. Este, além de constituir um importante objeto de reflexão, tornou-se, antes de tudo, um grave problema social.

Segundo Abramovay e Rua (2003), desde os primeiros estudos realizados sobre o assunto, nos Estados Unidos, na década de 1950, diversas das dimensões desse fenômeno passaram por mudanças e os problemas decorrentes assumiram maior gravidade. Algumas dessas notáveis transformações foram: o surgimento de armas nas escolas, inclusive armas de fogo, a disseminação do uso de drogas e a expansão do fenômeno das gangues, influenciando a rotina das escolas eventualmente associada ao narcotráfico. Outra grande mudança resulta do fato de que as escolas e suas imediações deixaram de ser áreas protegidas ou preservadas e tornaram-se, por assim dizer, incorporadas à violência cotidiana do espaço urbano. Ademais, as escolas deixaram, de certa forma, de representar um local de amparo, seguro e protegido para os alunos e perderam grande parte dos seus vínculos com a comunidade.

Como não poderia deixar de ser, mudou também o foco de análise do fenômeno de comparação aos primeiros estudos. Inicialmente, a violência na escola era tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento anti-social. Hoje, é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises que não se restrinjam às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre eles.

A sociedade brasileira, por sua vez, vem-se deparando com um aumento das violências nas escolas, sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar, fato que despertou as atenções das diversas instâncias governamentais, dos organismos internacionais e da sociedade civil.

Desde 1997, a UNESCO no Brasil iniciou uma série de pesquisas centradas nos temas de Juventude, Violência e Cidadania, apresentando propostas concretas de políticas públicas, a fim de contribuir na busca de soluções para os que afetam a juventude, destacando sua ligação com questões tais como: exclusão social, mercado de trabalho, ligação com questões tais como: exclusão social, protagonismo juvenil, entre outros.

Apresento agora uma pesquisa realizada pela UDEMO (Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo) no final do ano 2007, sobre o aumento da violência nas escolas, como já vinha realizando desde 1995. Esta pesquisa foi bastante ampla, contemplando treze itens, entre eles dados sobre indisciplina, comunidade e módulo escolar.

Foram enviados 5300 questionários para escolas da rede pública estadual e a representando as diversas regiões do Estado: Capital, Grande São Paulo, Interior e Litoral e a entidade recebeu de volta 693 questionários. Os demais diretores não responderam por motivos vários, dentre os quais, provavelmente, de acordo com a entidade, o excesso de trabalho.

A pesquisa foi dividida em cinco tópicos:

- 1- Se as escolas sofreram, ou não, algum tipo de violência em 2007;
- 2 - Se ocorreu violência contra bens materiais;
- 3 - Se houve violência contra pessoas;
- 4- Se foram feitos Boletins de Ocorrência nas Delegacias de Polícia;
- 5- Em qual turno a violência ocorreu com mais freqüência.

Os resultados desta pesquisa foram¹:

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

I - TABULAÇÃO GERAL

Questionários Responderos **683**

1. A Escola sofreu algum tipo de Violência em 2007:

| | Sim | Não |
|-------------------|------------|------------|
| | 586 | 97 |
| Percentual | 86% | 14% |

1.a. Violência contra Bens Materiais

| | Sim | % |
|---|-----|-----|
| Depredação (prédio, mobiliários, ambientes, etc.) | 383 | 65% |
| Pichação | 361 | 62% |
| Dano a veículos | 361 | 62% |
| Arrombamento (portões, cadeados, etc.) | 267 | 46% |
| Explosão de bombas | 223 | 38% |
| Outros: | 223 | 38% |
| Furto (TV, vídeo cassete, som, cantina, veículos, etc.) | 189 | 32% |

1.b. Violência contra Pessoas

| | Sim | % |
|--|-----|-----|
| Desacato a professores, funcionários ou direção | 515 | 88% |
| Briga (agressão física envolvendo alunos) | 497 | 85% |
| Invasão de estranhos | 266 | 45% |
| Porte e/ou consumo de bebidas alcoólicas | 209 | 36% |
| Tráfico/porte ou consumo de drogas | 189 | 32% |
| Ameaça de morte (a alunos, professores, funcionários, direção) | 123 | 21% |
| Porte/uso de arma (por alunos) | 28 | 5% |
| Outros: | 13 | 2% |

2. A Escola registrou Boletim de Ocorrência?

| | Sim | Não |
|----------|------------|------------|
| | 411 | 175 |
| % | 70% | 30% |

Total de Boletins de Ocorrência registrados

Média anual de B.O. por escola

895
2,18

3. Turno em que ocorre, com maior freqüência, a violência

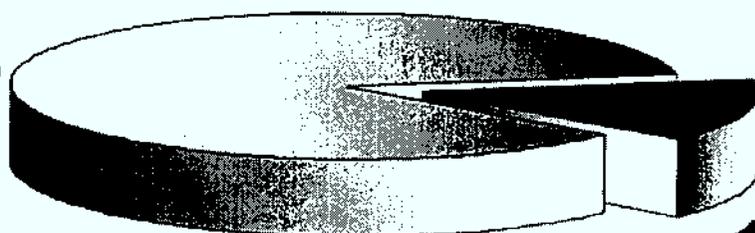
| | | % |
|----------------|-----|-----|
| Tarde | 212 | 36% |
| Manhã | 151 | 26% |
| Noite | 135 | 23% |
| Fins de Semana | 88 | 15% |

*1: O percentual refere-se às escolas que sofreram violência

¹ Os gráficos e tabelas utilizados estão disponibilizados no site: www.udemo.org.br/Violencia.

Sua escola sofreu algum tipo de violência, em 2.007?

**Sim
86%**



**Não
14%**

II - TABULAÇÃO POR REGIÃO

| Questionários Respondidos: 683 | Capital 106 | Grande SP 122 | Interior 438 | Litoral 23 |
|--------------------------------|----------------|------------------|-----------------|---------------|
|--------------------------------|----------------|------------------|-----------------|---------------|

1. A escola sofreu algum tipo de Violência em 2007:

| | | | | |
|--------------|-----|-----|-----|-----|
| SIM | 88 | 118 | 360 | 20 |
| SIM % | 88% | 97% | 82% | 87% |
| NÃO | 12 | 4 | 78 | 3 |
| NÃO % | 12% | 3% | 18% | 13% |

1.a. Violência contra Bens Materiais

| | | | | |
|---|-----|-----|-----|-----|
| Depredação (prédio, mobiliários, ambientes, etc.) | 60% | 72% | 64% | 70% |
| Pichação | 65% | 84% | 54% | 60% |
| Arrombamento (portões, cadeados, etc.) | 47% | 48% | 44% | 55% |
| Dano a veículos | 41% | 44% | 26% | 35% |
| Furto (TV, vídeo cassete, som, cantina, veículos, etc.) | 39% | 40% | 36% | 55% |
| Explosão de bombas | 38% | 58% | 39% | 45% |
| Outros: | 3% | 5% | 2% | 10% |

1.b. Violência contra Pessoas

| | | | | |
|--|-----|-----|-----|-----|
| Briga (agressão física envolvendo alunos) | 85% | 88% | 83% | 95% |
| Desacato a professores, funcionários ou direção | 85% | 91% | 88% | 85% |
| Porte e/ou consumo de bebidas alcoólicas | 43% | 63% | 24% | 50% |
| Tráfico/porte ou consumo de drogas | 36% | 36% | 29% | 45% |
| Invasão de estranhos | 47% | 54% | 42% | 45% |
| Ameaça de morte (a alunos, professores, funcionários, direção) | 27% | 30% | 17% | 20% |
| Porte/uso de arma (por alunos) | 8% | 14% | 10% | 10% |
| Outros: | 3% | 5% | 1% | 0% |

2. A Escola registrou Boletim de Ocorrência?

| | | | | |
|-------------|------|------|------|------|
| Sim | 57% | 69% | 73% | 85% |
| Média anual | 1,76 | 1,59 | 2,42 | 2,59 |

3. Turno em que ocorre, com maior frequência, a violência

| | | | | |
|---------------|------|------|------|------|
| Manhã | 29% | 26% | 24% | 40% |
| Tarde | 38% | 28% | 39% | 30% |
| Noite | 16% | 29% | 23% | 15% |
| Fim de Semana | 18% | 17% | 14% | 15% |
| | 100% | 100% | 100% | 100% |

*2: O percentual refere-se às escolas que sofreram violência

Pelo gráfico e tabelas anexados, dá para perceber que é alto o índice de violência nas escolas públicas estaduais. Nas escolas da capital, apenas 12% não sofreram nenhum tipo de violência, já na Grande São Paulo em apenas 3% isso não ocorreu. Em comparação, no interior, onde a rotina é mais tranquila, apenas 18% das escolas ficam livres da violência.

Em relação a violência contra o patrimônio público, as reclamações mais freqüentes são: depredação, pichação, arrombamento, dano a veículo, furto e explosão de bombas.

Quando se analisa a violência contra a pessoa as ocorrências mais freqüentes nas escolas são: briga entre alunos, desacato a profissionais da escola, porte ou consumo de bebidas alcoólicas, tráfico ou consumo de drogas, invasão de estranhos, ameaças de morte contra profissionais da escola e porte ou uso de arma.

A pesquisa analisou, também, o número de Boletim de Ocorrências, avaliando que este ocorre mais nas escolas do interior e do litoral, do que na Capital e na Grande São Paulo, fato este que pode ser atribuído ao desconhecimento das pessoas da delegacia e da falta de confiança na polícia.

Para surpresa de muitos pesquisadores, a violência escolar ocorre na maior parte das vezes no período da tarde, não concretizando o senso comum de que esta ocorre no período noturno. E este fato pode se dar devido ao fato de que neste período se concentra a maior parte dos alunos.

Para concluir o índice de violência nas escolas públicas estaduais é alarmante, o que demanda, com urgência, políticas públicas de enfrentamento da questão. São necessárias ações efetivas, que envolvam, obrigatoriamente, a escola, as famílias e os órgãos públicos. (UDEMO, 2007)

O MEC (*Ministério da Educação*), apresentou a Pesquisa Nacional Qualidade da Educação: a Escola Pública na Opinião dos Pais, realizada pelo Ministério da Educação (MEC) através do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Aníbal Teixeira, revelando que em 15,3% das escolas públicas no País existe o consumo de drogas dentro do estabelecimento de ensino e 30% dos entrevistados admitem que há roubo a alunos, professores ou funcionários na escola. Os dados foram anunciados em 2007, após entrevista com 10 mil pessoas entre pais ou responsáveis de alunos em 162 cidades brasileiras.

Vinte escolas foram pesquisadas em cada estado e os resultados foram: 30% dos professores, alunos e funcionários foram roubados dentro da escola; 52% dos alunos já brigaram dentro ou fora da escola; 28,2% das escolas já sofreram roubo ou furto de materiais e equipamentos das escolas; 12,8% de pessoas já foram ameaçadas dentro das escolas; 50,1% sentem falta de guardas de segurança dentro e perto da escola; 34,2 % das escolas apresentam pichações de muros e paredes; 15,3% acusam uso de drogas dentro das escolas; 6,1% acusam tráfico de drogas dentro da escola; 24,5% dos alunos fazem parte de gangues dentro da escola e 28,6% acusam a violência como fator que atrapalha a aprendizagem dos alunos.

Em Fortaleza estudos revelam um quadro de muita violência e drogas, em que as principais vítimas são alunos, professores e as comunidades. O jornal Diário do Nordeste, realizou uma série de reportagem, traçando um perfil preocupante sobre a situação da segurança pública em Fortaleza, apontando como causas: o medo das vítimas de assaltos e violências dentro da escola, que não dão parte por medo de perder a própria vida. Estas pessoas são professores, alunos funcionário etc.

Para sanar este problema, a secretaria pública, resolveu colocar a Polícia Militar próximo as escolas, através da Ronda escolar, reduzindo em 80% o número de assaltos. No entanto, a comunidade escolar ainda convive com diferentes formas de insegurança. Uma delas é o constante aumento do tráfico de drogas na cidade, coibindo a convivência dos alunos com colegas, pois muitos são filhos e irmãos de traficantes e por isso os colegas não podem ir na casa destes realizar trabalhos escolares, por exemplo.

Embora, ainda sofram muitas violências ainda, os educadores e gestores das escolas da cidade reconhecem que a presença da polícia melhorou a segurança, bem como os pais e a comunidade, mas ainda é pouco.

Em Minas Gerais, pesquisadores da CRISP/UFMG (Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública, órgão ligado à UFMG), traçam o perfil da violência e de suas conseqüências no cotidiano das escolas de Belo Horizonte. Nestes estudos descobriu-se que ambientes sociais menos favorecidos levam à disseminação da violência. Concepção que já está adjacente a sociedade em geral. No entanto, neste estudo se faz a pergunta inversa a esta assertiva: *como os ambientes violentos vêm desfavorecendo as comunidades nas quais estão inseridos?* Neste contexto, a escola pode ser um bom demonstrativo desta inversão.

O estudo verificou que a escola vem perdendo seu caráter transformador e de educação para a paz e a não-violência, sendo um remédio seguro contra a violência, transformando-se em local de vandalismo e depredações, que retratam o crescimento desordenado desta violência. Assim, violência e criminalidade fazem parte da rotina cotidiana das escolas.

Na cidade de Belo Horizonte, a realidade das escolas é um retrato disso: depredações, ameaças e vandalismo no ambiente escolar é rotina diária de professores e alunos. Para entender tudo isso o CRISP, formou uma equipe de vinte e três pesquisadores para, em dois anos, descobrir se a violência e a criminalidade estão associadas ao fenômeno da urbanização acelerada e da desigualdade social, o que acabaria por transformar ambientes pobres em violentos. Para tanto, realizaram o estudo em cinquenta escolas estaduais, municipais e particulares, abordando questões como o nível do medo presente no cotidiano da escola e até que ponto este provocaria queda no rendimento escolar dos alunos, prejudicando a qualidade do ensino.

De acordo com os dados da pesquisa, conseguiram identificar que além da violência simbólica (relações de poder entre professores e alunos e disputa entre alunos mais fortes e mais fracos), existe um outro tipo de violência, que mesmo estando fora do ambiente escolar, acaba interferindo na rotina das escolas. Esta criminalidade, segundo os pesquisadores, se manifesta de forma expressiva nas imediações da escola, que acaba se tornando palco destes conflitos que são trazidos para o seu interior. Assim, comprova-se que ambientes que deveriam prestar serviços à comunidade têm seus serviços comprometidos, por causa da violência, invertendo a situação de que ambientes menos favorecidos facilitam a violência.

A escola que sempre agiu como principal tutora da educação, exercendo papel social importante na comunidade, se transforma em vítima do ambiente em que está inserida absorvendo e reproduzindo a crescente violência da sociedade. O estudo revelou que a violência interfere na sensação de segurança do aluno, comprometendo a satisfação com seu aprendizado. Além disso, foi evidenciado que os alunos

reconheciam que fatores como a desordem e a ausência de controle exercido pela escola sobre o seu público favoreciam eventos violentos.

Também foi evidenciado que uma relação saudável entre professor, aluno e representante da comunidade é benéfica para todos. A cooperação e a prática do diálogo entre a escola e as comunidades caracterizam as regiões com menor índice de violência.

Violência nas escolas belorizontinas em números

A pesquisa do CRISP está em fase de cruzamento e análise de dados. Você pode conferir aqui alguns dados resultantes da pesquisa que demonstram de que forma a violência está presente nas escolas:

- 67,5% dos alunos entrevistados já viram ou ouviram falar de pessoas quebrando janelas, fazendo arruaças ou tendo comportamento de desordem dentro da escola.*
- 27,8% dos alunos já viram ou ouviram falar pelo menos uma vez de pessoas armadas dentro da escola.*
- 89,6% dos alunos já viram ou ouviram falar de desentendimentos dentro da escola.*
- 51,9% dos alunos já viram ou ouviram falar de pessoas consumindo drogas na escola.*
- 36,2% dos alunos já viram ou ouviram falar de pessoas vendendo drogas nas escolas.*
- 52,6% dos alunos já viram ou ouviram falar de criminosos ou bandidos na escola.*
- 47% dos alunos já viram ou ouviram falar de alunos sendo assaltados.*
- 59,4% dos alunos já viram ou ouviram falar de outros alunos sendo furtados na escola.*

Ainda:

Os dados mostram que a violência é fator determinante no aprendizado do aluno. A grande maioria dos alunos, ou seja, 71% dos entrevistados afirmaram terem sido vítimas da violência em suas escolas, sendo 15,8% de roubos, 36,9% de furtos e 18,3% de agressões físicas. Isto se refletiu na atitude de 10,4% dos alunos que afirmaram já ter deixado de comparecer à escola por medo de ser agredido.

O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR COMEÇA CEDO: ESTUDO DO AUMENTO DA VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo estaremos expondo algumas considerações sobre a violência na educação infantil a partir de uma pesquisa realizada em uma instituição municipal na cidade de Campinas, onde realizamos entrevistas com professoras da unidade sobre a temática.

Segundo Aquino (1996), uma das causas dos comportamentos ditos "anormais" nas escolas, por fugirem às regras criadas pela mesma como as únicas aceitas, estaria no fato de que esta não evoluiu juntamente com a sociedade, isto é, a escola e seus profissionais (professores, gestores e funcionários), não se adequaram ao novo sujeito social que habita esta nova sociedade globalizada em que vivemos. Assim, o autor coloca que

Indisciplina, então, seria sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro. Equivaleria, pois, a um quadro difuso de instabilidade gerado pela confrontação deste novo sujeito histórico a velhas formas institucionais cristalizadas. Ou seja, denotaria a tentativa de rupturas, pequenas fendas em um edifício secular como é a escola, potencializando assim uma transição institucional, mais cedo ou mais tarde, de um modelo autoritário de conceber e efetivar a tarefa educacional para um modelo menos elitista e conservador. (p. 45)

Apresentando desta forma, o autor coloca que uma das causas dos problemas do aumento da violência nas instituições educacionais advêm da formação precária dos educadores, tema que discorreremos agora, pois é urgente formar melhor nossos educadores para evitar a violência na escola e lidar melhor com ela.

Segundo Royer (2002), a violência tem aumentado de forma alarmante em nossa sociedade, infelizmente não tem havido um aumento, na mesma proporção, da

capacidade dos professores em ajudar os alunos. Percebe-se claramente que professores, diretores e outros profissionais que trabalham nas escolas receberam pouquíssima formação sobre como propiciar uma boa educação aos alunos que demonstram comportamento agressivo e, menos ainda, como evitar a violência nas escolas.

A pesquisadora percebeu em seus estudos que a criança agressiva que chega hoje a nossas escolas, muitas vezes foi vítima de fatores de stress familiar (álcool, pobreza, drogas), soltando na escola um grito de negligência parental, de abusos físicos, sexuais ou psicológicos, a presença de depressão e frustração, o sentimento de impotência e a exposição a modelos violentos. Assim, estes são sintomas, partes integrantes do desenvolvimento da violência e do comportamento agressivo dos alunos, cabendo ao professor entender como esta violência se desenvolve para poder ajudar seu aluno.

Este é o primeiro item na formação de um bom professor, entender como a violência se desenvolve, pois sabemos que

A capacidade dos pais de educar seus filhos pequenos, independentemente desses fatores de risco, é uma variável importante. É muito comum eu encontrar pais desesperados, batalhando com uma criança de quatro, cinco ou seis anos, que virtualmente assumiu o controle do ambiente familiar com seus ataques de raiva e outras técnicas de coerção. (Royer, idem, p. 255)

Um bom programa de formação propiciará aos professores perceberem que a violência não está na criança, mas nos meios que a criança adotou para lidar com seu ambiente, algo que ela aprendeu. Entendendo o desenvolvimento da violência e dos comportamentos agressivos, os professores bem formados compreenderão que é necessária uma análise funcional do contexto em que esses comportamentos ocorrem para saberem como lidar com os mesmos.

O segundo fator, de acordo com a autora para melhorar a política de formação dos professores é que esta deve fazer com que estes se convençam de que a educação e as escolas podem contribuir para evitar o desenvolvimento da violência.

O terceiro elemento colocado por Royer (*idem*) se refere a levar os professores a agirem de forma mais ativa do que reativa, com respeito à violência e aos comportamentos agressivos em sua escola, entendendo esta ação ativa no contexto de prevenção e intervenção precoce na ação dos alunos.

O próximo elemento da política de formação é de suma importância, pois trata-se de levar em consideração a diversidade dos problemas e reconhecer a necessidade de intervenção individualizada, pois cada situação é única, assim como seu autor.

O quinto elemento apontado por ela é a constante formação dos professores, quer seja em serviço ou em instituições especializadas. O sexto fator seria valorizar o trabalho do educador que integra a sua práxis algumas das práticas exemplares e dos conhecimentos originados nas pesquisas recentes sobre a violência escolar, corroborando com o quinto elemento, a formação continuada.

Cabe ao professor, em sua formação, receber ajuda para desenvolver capacidades sólidas de estabelecer parcerias com os pais, uma vez que a participação destes tem influência considerável sobre a eficácia das intervenções dos professores. E, por fim, o professor em sua formação, deve ser incitado a valorizar e aprender a trabalhar em equipe, pois *a escola não é uma ilha, senão parte da comunidade. (Idem, p.263)*

Dessa forma, pode-se entender que uma boa formação dos professores é fator preponderante para amenizar os efeitos da indisciplina nas escolas, alargando o campo da compreensão de como esta se dá e de como combatê-la. Infelizmente, não é o que

vemos em nossas escolas, cabendo a nós educadores lutarmos para modificar esta situação, exigindo formação continuada sobre a temática em nossas escolas e cobrando uma postura diferenciada de toda a unidade em si.

3.1 Violência escolar e educação infantil: um olhar sobre o aumento da violência via programas de televisão

“Nesta vida pode-se aprender três coisas de uma criança: estar sempre alegre, nunca ficar inativo e chorar com força por tudo que se quer.”
Paulo Leminsky

Apresentarei agora o local em que realizei meu estágio em educação infantil na faculdade, onde o esboço deste projeto se delineou, pois foi a observação do comportamento agressivo dos alunos, nas brincadeiras que levou-me a interessar-me pelo tema.

Meu estágio ocorreu nas CIMEI 14, localizada na Vila Padre Anchieta II, na periferia de Campinas. O CIMEI 14 está situado na Vila Padre Anchieta, no Distrito de Nova Aparecida. Este distrito tem uma população aproximada de 60.000 habitantes e uma infra-estrutura com: pronto socorro, posto de saúde, teatro, praças de esporte, hotel, comércios em geral, corpo de bombeiros, terminal de ônibus, feira livre, feira de artesanato, praças, posto policial, lojas, farmácias, SANASA, várias escolas particulares, estaduais e municipais, mini-shopping, clube, academias, etc.

É um bairro popular, composto por casa e apartamentos. Tem inúmeros bairros na circunvizinhança, onde a maioria é: assentamentos que se transformaram em bairros e núcleos residenciais ou vilas com infra-estrutura básica, como saneamento, água e luz. Porém, os serviços públicos necessários como educação, saúde e transporte, não

acompanham o crescimento dos mesmos, e faltam vagas nas creches e atendimento nos centros de saúde.

Como em toda cidade, o bairro apresenta índice relevante de violência. É circunvizinho do Complexo Penitenciário Campinas – Hortolândia, que permite uma circulação maior de viaturas da polícia civil e militar.

Particularmente, em nossa unidade, CIMEI 14, não temos o envolvimento desejado da comunidade, que não vê as escolas como mais um espaço público do bairro. Ao contrário, elas são alvos de pichações e invasões aos finais de semana. A situação só melhorou após conseguirmos um guarda nos finais de semana.

Em janeiro de 2006 tivemos a entrega e ocupação das casas e apartamentos do CDHU na Vila Padre Anchieta. A mudança dessas famílias para o bairro acarretou no aumento da procura por vaga e uma diversidade grande na população atendida, compreendendo o que Royer, coloca no quarto elemento de formação de todo bom professor.

Em relação a caracterização dos alunos, é difícil classificar nossas crianças, como *“crianças de 0 a 6 anos, sabemos de seu imenso potencial: inesgotável curiosidade e desejo de aprender, de ser aceitos, estimados e incluídos, de participar e ter seus esforços reconhecidos, de ser respeitado...”* (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/98), porém sabemos que nossas crianças vivenciam as mais diferentes situações familiares, econômicas, sociais... Assim, *“falar de crianças nos remete a pensar a pluralidade, ou seja, lidar com diferenças marcam a heterogeneidade dos modos de vida; a pluralidade nas expressões das relações sociais; a multiplicidade de culturas”* (O cotidiano na Educação Infantil Boletim 23/Nov./2006/ Salto para o Futuro).

Com base na pesquisa realizada em 2007, podemos afirmar que a maioria das nossas crianças são moradoras do próprio bairro, apesar de muitas utilizarem a perua escolar. Moram com os pais, brincam em geral de boneca, casinha, carrinho, bicicleta e bola e mais da metade não brinca na rua e nem em casa de vizinhos. Tem acesso à leitura de livros de histórias, de músicas de todos os tipos (variadas, evangélicas, infantil...) assistem programas na TV, principalmente desenhos e programas da cultura. As atividades de lazer com a família são diversas (clube, bosque, parque, casa de familiares, shopping...). Predominam-se as religiões católicas e evangélicas. Nossas crianças pertencem a várias camadas sociais e apresentam grande diversidade cultural.

O Planejamento anual para as turmas da instituição abrange como objetivos:

- Propiciar o desenvolvimento infantil, considerando e valorizando a diversidade cultural que cada criança possui.
- Estimular e garantir a ampliação desses conhecimentos, acrescentando novas possibilidades de construção da autonomia, responsabilidade, cooperação, formação de auto-conceito, convivência em grupo, contribuindo, assim, para a formação de sua cidadania.
- Levar a criança ao seu desenvolvimento integral a partir do brincar e de suas experiências, de modo a conhecer e respeitar a si mesma, os outros e o mundo ao seu redor.

Este planejamento está em consonância com os preceitos instituídos pelo conselho de escola, que visa propiciar a abertura da U.E para as famílias, porém o número de participantes e a qualidade desta participação, ainda é um desafio para a escola. As festas no dia das mães, pais, festa junina e final de ano, trazem os pais para

mais perto do cotidiano da U.E., porém, estes não são suficientes. Precisa-se estreitar os laços da família com a escola. Em relação ao trabalho pedagógico desenvolvido a unidade visa expor as produções das crianças em varais pelos corredores, a orientadora pedagógica realiza uma apresentação da proposta pedagógica da U.E. para os pais, muitas professoras fazem um CD, no final do ano, com fotos da rotina das crianças, o qual é muito apreciado e valorizado pelos pais.

"A instituição precisa oportunizar à comunidade o acesso à vida escolar e a forma como são organizadas as atividades desenvolvidas no cotidiano da U.E., possibilitando que entre escola, família e comunidade exista uma relação de confiança, trocas de informações e idéias, além de uma cumplicidade quanto as metas a serem alcançadas no processo de desenvolvimento da criança " Construção em construção.

A participação dos pais ou responsáveis nas reuniões e na vida da escola é considerada insatisfatória. A cada ano, é visível que os cuidados e a educação dedicados às crianças têm diminuído devido a muitos fatores que cooperam para isso.

Na pesquisa realizada em 2007, constataram-se algumas expectativas da família em relação à educação dos filhos. Na pergunta "o que espera da escola?" obteve, na maioria das respostas, as seguintes perspectivas: bom desenvolvimento e aprendizagem da criança, qualidade na educação, ler e escrever, "o melhor" e bom ensino. Em relação à professora: educar, orientar, cuidar, ter paciência, ser companheira, amiga, dedicada, carinhosa. Em contrapartida, na pergunta "como a família poderia ajudar a escola?" "a maioria dos pais trabalham e acha, que não tem como ajudar. E muitas outras podem colaborar participando de eventos, reuniões, APM, cumprindo as regras do regulamento, com serviços voluntários, etc. Em relação ao interesse em palestras, predominou a temática sobre educação dos filhos e desenvolvimento da criança. Estas questões ilustram um pouco o parágrafo anterior.

Em relação às Reuniões de pais, esta segue os padrões dos anos anteriores, organizando-se estes significativos encontros em três momentos:

- Com assuntos gerais da U.E.
- Com assuntos específicos da sala e das crianças
- Palestras, debates, dinâmicas e discussões, com assuntos de interesse dos pais.

A escola precisa pensar em possibilidades de participar dos eventos do bairro, comunidades locais e Subprefeitura a fim de se dar a conhecer e integrar a elas. Na AVP/2005/2006, em relação da participação da escola e da comunidade foram apontadas as seguintes questões: envolver a participação de todos (cozinha/limpeza); incentivar a contribuição da APM; incentivar os pais e responsáveis a lerem os bilhetes que é uma forma de comunicação (para isso, os bilhetes devem ser bem legíveis e mandados com antecedência); criar formas de envolver escola/família/comunidade, organizar outros eventos, além das festas, que aproximem os pais da escola, oportunizar palestras com avaliação com os pais dos eventos, projetos e trabalhos da escola; manter o horário das reuniões (meio do período) DO Conselho para que mais funcionários da escola possam participar e incentivar a participação como representante da escola em diferentes instâncias: FÓRUM, SINDICATO, CIPA...

Por este quadro geral da escola, percebe-se claramente que os pais estão legando a escola toda e qualquer responsabilidade pela educação de seus filhos, contrariando o artigo 205 da Constituição de 1988, que diz que

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A educação, dessa forma, é um direito público subjetivo que deve ser assegurada a todos, através de ações desenvolvidas pelo Estado e pela família, com a colaboração da sociedade.

Quando trata especificamente do direito à educação destinado às crianças e adolescente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), art. 4º, o descreve como um dever da família, comunidade, sociedade em geral e do Poder Público.

Destas normas, constata-se que a educação não é um direito cuja responsabilidade é imposta exclusivamente a um determinado órgão ou instituição. Na verdade, é um direito que tem seu fundamento na ação do Estado, mas que é compartilhada por todos, ou seja, pela família, comunidade e sociedade em geral, resultando evidente que a *“educação deixou de ser um tema exclusivo dos trabalhadores da área para ser uma questão de interesse de toda a sociedade”*. (ROCHA, 1999).

Assim, no presente contexto que vivemos a escola assume o papel de além de educar e cuidar, ajudar as crianças a obterem a formação moral que é dever da família, bem como impor-lhes limites e modelos comportamentais que são contrários aos vivenciados em seus lares, gerando os conflitos e fomentando a (in) disciplina e o aumento da violência dos alunos.

Para corroborar estas assertivas, apresento agora uma pesquisa realizada com duas professoras da unidade sobre o aumento de situações de violência nas instituições de educação infantil, gostaria de ter conversado com mais educadoras (na escola não há homens ocupando este cargo), no entanto, as demais professoras se recusaram a responder meu questionário, alegando falta de tempo.

A primeira é da professora E. N. (38 anos), formada em Magistério, graduada em Pedagogia e Educação Artística e leciona há quase 20 anos. Já atuou com ensino fundamental 1º e 2 ciclos; no momento trabalha com educação infantil na CIMEI 14, como professora volante e por isso passa por todas as salas, podendo observar as faixas etárias de 0 a 6 anos, e também leciona para alunos de escolas estaduais na cidade de Sumaré no período noturno, no ensino médio, onde segundo ela os níveis de violência são extremamente altos e as cenas vivenciadas são as mais diversas possíveis, vão desde as ofensas, calúnia, xingamentos, pixações, depredações, até brigas corpo a corpo entre alunos, já presenciou várias dentro da escola e diz que já sofreu ameaças de alunos incapazes de aceitar as normas e regras da escola.

Segundo ela a violência, indisciplina e negação as regras estão presentes em todas as salas de aula e em todas as faixas etárias, pois hoje as famílias estão desestruturadas e os valores de moral, a ética, etc., estão sendo deixados de lado pelas famílias na educação dada a seus filhos, a um excesso da valorização da competitividade, do consumismo e da comparação.

A segunda professora a emitir sua opinião foi C. S. (39 anos), há 17 anos trabalhando com educação. Atualmente trabalha com crianças de 4 e 5 anos na educação infantil, na escola CIMEI 14 e também com EJA na prefeitura de Hortolândia.

Segundo ela os níveis de violência dentro e fora das escolas perpassa todas as esferas, não há mais tranquilidade nem mesmo nas salas de aula, já na educação infantil o que se vê todos os dias, são disputas e conflitos entre as criança, muitas brigas e violência física, ela mesma tem um aluno que briga e bate muito nos amigos, seja por um brinquedo, seja por um lugar na fila, ele está sempre reagindo as suas frustrações com mordidas, socos e pontapés, e tem apenas 4 anos e meio. Mas ela fala

interpretações de diferentes linguagens que se apresentam e se sobrepõem através de vários suportes midiáticos, geram novas formas de construção do conhecimento, com implicações diretas nas atuais condições de aprendizagem.

Ainda, segundo a autora, as crianças, principalmente as crianças da classe média, são bombardeadas diariamente, em média de 4 a 6 horas por dia, pelas mensagens enviadas pela televisão. Justamente por serem crianças, não conseguem decodificar completamente as mensagens televisivas, confundindo as mensagens objetivas dos telejornais com as mensagens poéticas das telenovelas, misturando as mensagens persuasivas das propagandas com as mensagens didáticas dos documentários, ou com as mensagens dúbias dos programas de entretenimento, como os shows e os humorísticos. Isso pode resultar no aprendizado de conceitos errados e preconceituosos, em uma baixa auto estima e na desvalorização da cultura regional.

Segundo Souza (2001), diante da discussão sobre a exposição de nossas crianças frente aos desenhos animados violentos, os produtores dizem que os aparelhos de TV podem ser simplesmente desligados, argumentando que caberia às famílias selecionar o conteúdo a ser assistido pelas crianças. Mas sabemos perfeitamente que a violência está impregnada, de uma forma ou de outra (explícita ou sutilmente) em quase toda a programação normal dos canais abertos e na maioria dos canais pagos, sendo que cenas notadamente violentas são, com frequência, inesperadas.

Além disso, como a violência passou a fazer parte do pensamento, e dos fantasmas diários, do cidadão comum, especialmente nos últimos dez anos, em que as autoridades vêm perdendo gradativamente o controle da situação (é só olhar os estragos causados ações da polícia em casos como da Eloá, de ataque ao PCC-

Primeiro Comando da Capital, a contenção de traficantes no Rio de Janeiro, sobre a imagem da polícia), falar sobre ela passou a ser comum entre adultos e, como consequência, também entre crianças.

Estas, misturadas que estão ao universo daqueles em função da diminuição das famílias e das moradias, acabam tendo contato direto com informações de toda ordem, muitas das quais não estão cognitivamente preparadas para assimilar devidamente, incluindo, neste rol, a maioria das situações envolvendo violência.

É certo que crianças não elaboram o que assistem ou ouvem da mesma forma que adultos, já que possuem um sistema de referência totalmente diverso. Isto pode fazer com que, na tentativa de compreender o mundo que as circunda, deformem a realidade assistida ou ouvida, ou mesmo que não consigam estabelecer claramente os limites entre sua própria realidade e a realidade exterior, o que provoca com frequência uma sensação difusa de insegurança e mal-estar, ou o que é pior, atitudes de imitação direta.

Para Piccione (apud Souza, 2001) existem dois instigantes desdobramentos para este fato: a experiência e a impotência. A primeira aparece na questão da virtualidade que caracteriza a vida contemporânea. As crianças modernas têm sido cada vez mais privadas de experiência genuína ativa, corpórea, o que faz com que suas sensações venham a se mesclar àquelas do que é citado como "realidade paralela".

Desta forma, uma situação de violência que assistem ou ouvem narrar pode ser vivenciada emocionalmente como real, verdadeira, provocando o mesmo stress que provocaria caso fosse autêntica, sem, contudo, apresentar, junto a si, os dados materiais, as consequências factuais, os efeitos das ações sobre o meio, o que seria, segundo Piaget, a base para suas construções conceituais.

Caso a criança tenha acesso a atividades lúdicas com frequência, pelo contrário, esperar-se-ia que, através delas, tivesse oportunidade de elaborar, de acordo com seus próprios recursos, as situações assistidas ou ouvidas, sem necessariamente partir para uma imitação direta e inseqüente. Isto porque a atividade lúdica traz a corporalidade, traz os efeitos, a resistência da matéria conjuntamente aos conteúdos, traumáticos ou não, que são colocados em jogo.

Brincando, a criança seria capaz de elaborar imagens e/ou conteúdos num âmbito simbólico, inteligente e emocionalmente saudável. Através da História, temos diversos exemplos de como crianças conseguiram superar situações extremas através de representações simbólicas – lúdicas.

A segunda diz respeito aos valores da sociedade moderna, os quais atuam como contexto a qualquer experiência vivida pelas crianças em relação à presença da violência, seja virtualmente ou não. Se, por um lado, o cidadão médio teme acima de tudo a violência – o que vem sendo registrado seguidamente em pesquisas de opinião pública – por outro, talvez até como mecanismo de defesa, temos assistido a uma banalização dela, o que tende a tornar-nos a todos insensíveis diante de quadros dantescos.

A presença de ideologias justificando e incentivando o uso da violência para resolver quaisquer conflitos entre povos, facções, agrupamentos de toda ordem, o excesso de transmissões e notícias envolvendo violência na TV ou cinema, a forma quase irresponsável com que comentamos ocorrências policiais e a própria realidade social, tudo isso vai contribuindo a um estado de coisas em que prevalece “naturalmente” a lei do mais forte, o “olho por olho, dente por dente”.

Nas guerras, a ênfase é colocada nas explosões, na fumaça, ou no vôo de mísseis pelo céu, à imagem de vídeo games. Quase nunca se questiona a dor, o sofrimento das populações envolvidas, nem se demonstra piedade por estes seres humanos. As crianças muitas vezes, ao assistirem a notícias sobre guerras – ou simples disputas de toda ordem - não levam em consideração estes aspectos e nunca são incentivadas a apiedar-se.

De acordo com Souza (2001), situação comum às populações de classe média/alta é um notado crescimento da intolerância entre as pessoas, especificamente em relação às próprias crianças. Estas têm sido obrigadas a um estilo de vida totalmente diverso de sua natureza: confinamento, passividade, excesso de informações e compromissos, além de outras características da infância moderna fazem das crianças seres inquietos, angustiados e na maioria das vezes, especialmente os meninos, apresentam problemas com autoridade. Muitas vezes, os pais acabam perdendo a paciência e partindo para atitudes violentas com os filhos, seja de ordem emocional ou física. Neste contexto, as cenas de violência assistidas com freqüência, ou simplesmente ouvidas, adquirem uma conotação mais perniciososa.

Nas regiões de concentração de miséria – no Brasil as favelas e bairros pobres – a situação é ainda mais crítica, já que o contexto dessas crianças, com o qual convivem bem de perto, é o contexto da violência. As crianças pobres vivem cercadas de violência por todo lado, violência esta em seus mais diversos aspectos (moral, ético, material, familiar, etc, etc). A própria privação é violenta, fere, degenera. A violência é o contexto mais básico que elas têm a seu dispor. Os efeitos da violência assistida ou ouvida, neste contexto, seriam, para estas crianças, especificamente, quase devastadores.

O psicólogo Ives De La Taille (1998), aponta o fato de que

“É completamente diferente uma criança que vive num ambiente pacífico e bem estruturado lidar com cenas ou referências a violência de uma outra que passa a vida num ambiente cercado de violência por todos os lados. O que pode ser canalizado, sublimado e transformado para uma, para outra cairá fatalmente na roda viva da violência interminável”. (p.57)

Para concluir, em relação à violência perpassada pela mídia, não pode ser esquecido que a criança tem acesso a outros programas além dos infantis, e que, sem dúvida, geram impactos negativos, principalmente sobre as crianças. A violência física e psicológica permeia, com maior ou menor intensidade, quase todos os gêneros de programas. Embora os efeitos dessa superexposição sobre o comportamento dos telespectadores não possam ser medidos, é impossível negar que ela contribui para deformar a percepção da realidade.

É útil que pais e educadores estejam ao corrente dos programas televisivos para os poderem discutir com eles, de modo a irem estimulando o seu juízo crítico. Muitos estudiosos determinam uma necessidade dos pais conhecerem o que os filhos consomem na TV.

Um exame da cultura infantil desestabiliza a noção de que as batalhas em relação ao conhecimento, aos valores, ao poder e em relação ao que significa ser um cidadão estão localizadas exclusivamente nas escolas ou nos locais privilegiados da alta cultura. As identidades individuais e coletivas das crianças e dos jovens são amplamente moldadas, política e pedagogicamente, na cultura visual popular de videogames, da televisão, do cinema e até mesmo em locais de lazer. Porque não recolher todo esse material oferecido e filtrá-lo, proporcionando leituras críticas? Para o pedagogo espanhol Joan Ferrés (1996), uma escola que não ensina como assistir à televisão é uma escola que não educa.

"Para ensinar a ver televisão é preciso reproduzir na escola a experiência de ser telespectador. (...) Não basta criticar os efeitos perniciosos da televisão. É preciso partir para a ação." (p. 56) Ele cita Umberto Eco e sua teoria sobre apocalípticos e integrados. "Segundo os apocalípticos, a televisão provoca todo o tipo de males físicos e psíquicos: problemas de visão, passividade, consumismo, alienação, trivialidade (...)" (idem).

A narrativa da TV deveria permitir o encontro da criança com alguma dimensão profunda, complexa, misteriosa da vida, mas adequada ao nível de desenvolvimento das crianças. Uma narrativa de qualidade, também na TV, é aquela que oferece metáforas ou continentes para as experiências conscientes ou inconscientes das crianças. Um critério para se avaliar a qualidade de um programa do ponto de vista da imaginação seria ver o que ele oferece para apoiar a necessidade que a criança tem de elaborar suas ansiedades através da fantasia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso buscou através de análise bibliográfica e entrevista com professoras de educação infantil identificar as causas do aumento da violência nas instituições educacionais.

Embora tenha surgido da observação das brincadeiras das crianças, que eram muito violentas, durante o estágio que fiz em Educação Infantil na faculdade, esta pesquisa foi além, visando entender como a violência se configura na e da escola, quais seus atores, que papel esta representa na sociedade e como nós, professores, podemos agir em busca de saná-la, assim como os caminhos apontados para os cursos de formação lidarem com a problemática.

Indo além do que aprendi no estágio, realizei em uma escola de educação infantil uma pesquisa com as professoras a respeito do aumento da violência na educação, em específico com as crianças desta idade e estas chegaram a conclusão que a TV, a família e até a forma como trabalhamos influenciam fortemente o comportamento violento e indisciplinado dos alunos.

Dessa forma, ao término deste trabalho percebemos que o estudo sobre a indisciplina na sala de aula deve envolver, a análise de múltiplos aspectos tais como: as estruturas de poder na escola, as pressões e expectativas dos pais, as concepções dos professores em relação à construção dos conhecimentos e outros.

Para tanto, é preciso que a sala de aula se configure enquanto espaço público, lugar de reprodução das realizações coletivas e exercício permanente de si próprio. A educação é esta atividade formadora de si mesmo e campo de inscrição de novas formas de existência.

O papel da escola, então, passa a ser o de fomentar a experiência do sujeito perante a incansável aventura humana da desconstrução e reconstrução dos processos imanentes à realidade dos fatos cotidianos, na incessante busca de uma visão mais dilatada de suas múltiplas determinações e dos diferentes pontos de vista sobre eles.

Para tanto, de acordo com Aquino (1996), é preciso que se desmistifique a imagem do aluno ideal, do professor ideal e se passe a potencializar as relações em pé de igualdade, pois o conhecimento só se realiza com e pelo outro, tornando-se, assim, a relação professor-aluno o núcleo e foco do trabalho pedagógico. Depois, vem a fidelidade ao contrato pedagógico, que deve ser claro para ambas as partes e por fim, a permeabilidade para a mudança e para a invenção, esta se dará com a formação continuada, em serviço ou na universidade, que buscará sempre a reinvenção do trabalho pedagógico, adequando-o a realidade do aluno e a sua forma de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças (orgs). **Violência nas escolas**. Brasília: Pitágoras, 2003.

APEOESP. www.apoesp.org.br/especiais/violencia_normal. Acessado em: julho/2008.

AQUINO, Júlio Groppa. A desordem da relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **(In) disciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996, p 39-56.

ARAÚJO, Ulisses F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003, pp. 153-169.

BARBERO, Jesús Martín. **Nuevos Regímenes de Visualidad y Des-centramientos Culturales**. Bogotá: Colômbia, 1998.

BRASIL. Pesquisa Nacional Qualidade da Educação: **A Escola Pública na Opinião dos Pais**. Brasília: MEC, 2007.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacional da Educação Infantil, 1998**. Disponível em: www.mec.com.br. Acesso em julho de 2008.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: www.mec.com.br. Acesso em julho de 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Guerra e Paz, 1998.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. Rio de Janeiro: Cortez, 2002.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003.

FORTALEZA. Violência nas escolas. In: **Diário do Nordeste**, 2/5/2006.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **(In) disciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996, pp 9-24.

_____. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 1998.

MINAS GERAIS. Centro de estudos de Criminalidade e Segurança Pública. Disponível em: www.crisp.ufmg.br. Acessado em julho/2007.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1980

ROCHA, Simone Mariano. **Compromisso com a inclusão escolar**. junho/2000. Disponível in www.mp.rs.gov.br/cao. Acessado em: 15/07/2008.

ROMANELLI, A. **História da educação da colônia a república**. Rio de Janeiro: Cortez, 2001.

ROYER, Égide. A Violência na escola e as políticas da formação de professores. DEBARBIEUX, E. e BLAYA, Catherine (orgs). In: **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002, p. 251-266.

SCHILLING, Flávia, **A Sociedade da Insegurança e a Violência nas Escolas**, São Paulo: Editora Moderna, 2004.

SOUZA, Jésus Barbosa de. **Meios de Comunicação de massa: jornal, televisão rádio**. São Paulo: Scipione, 1996.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. IN: **Educação e Pesquisa**. 2001, vol. 27, fevereiro de 2002, p 87-103.

TV FUTURA. **O cotidiano na Educação Infantil**. Boletim 23/Nov./2006/ Salto para o Futuro.

UDEMOM. **Pesquisa sobre violência na escola**. Disponível em: www.udemo.org.br. Acessado em julho/2008

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1994.